IV — Zeitschriftenreferate.

"The Journal of Hellenic Studies", 78, 1948; "Journal of Roman Studies", 39, 1949; "Comptes-Rendus de l'Académie des Inscriptions et Belles Lettres", Paris, Klincksieck, 1949; "Bayerische Akademie der Wissenschaften (Sitzungs-Berichte, assinados por E. Kornemann — "Das Prinzipat des Pompeius und der 'Genius Senatus' —, W. Ensslin — "Zu den Kriegen des Sassaniden Scharpur I", e, pelo mesmo professor, "Des Symmachus Historia Romana als Quelle für Jordanes"); "Deutsche Akademie der Wissenschaften zu Berlin" (artigos dos professores H. Grapow — "Studien zu den Annalen Thutmosis des Dritten und zu ihnen verwandten historischen Berichten des Neuen Reiches" —, G. Kleiner — "Alexanders Reichsmünzen" — e Sitzungs-Berichte assinadas por J. Stroux — "Epigraphische Beiträge I: Eine Hafeninschrift von der Küste des Pontus" — e E. Hohl — "Ein politischer Witz auf Caracalla. Ein Beitrag zur Historia-Augusta Kritik"); "Heidelberger Akademie der Wissenschaften" (Sitzungsbericht assinado por M. Dibelius — "Die Reden der Apostelgeschichte und die antike Geschichtsschreibung"); "Museum Helveticum", Basel, 7, 1950; "Annuaire de l'Institut de Philologie et d'Histoire Orientales et Slaves", IX, 1949 ("Mélanges Henri-Grégoire"). Completa esta secção a resenha de vários números da publicação soviética "Vestnik Drevnej Istorii" (Revista de História Antiga), editada desde 1937 pelo "Instituto de História" da Academia de Ciências da URSS e confiada, até 1948, à direção do Prof. Aleksandr Vasil'evitch Mitchulin, e a partir daí, ao Prof. S. V. Kiselev. São os seguintes os números resenhados: 1948, n.º 2 (24); 3 (25); 4 (26); 1949, 1 (27); 3 (28); 4 (30).

V — Nachrichten

1 — 80.º aniversário natalício de Gaetano de Sanctis, transcorrido a 15 de outubro de 1950.

2 — A Academia Britânica designou uma comissão para, sob os seus auspícios, compilar uma prosopografia do baixo Império Romano (284-641). É seu objetivo fazer, para o baixo Império, o mesmo que com a "Prosopographia Imperii Romani" foi feito para o Principado, isto é, fornecer o material para o estudo da classe governante do Império. Tal trabalho deverá ser efetuado em colaboração com o Instituto Francês de Estudos Bizantinos, que está preparando o lançamento de uma prosopografia cristã que cobrirá o período de 300 a 700, abrangendo todos os que, clérigos ou não, desempenharam algum papel na história do Cristianismo.

PEDRO MOACYR CAMPOS

MIREAU (Émile). — *Les Poèmes Homériques et l'Histoire Grecque*. Tome II: *L'Iliade, l'Odyssée et les rivalités coloniales*. Paris. Éditions Albin Michel, 1949. Em 8.º, 436 páginas, 4 mapas. 540 francos.

Se há na história da literatura universal um problema que tenha preocupado os críticos de todos os tempos, cuja solução pareça a muitos desesperadora, é o da chamada "Questão Homérica". Sobre o debatido assunto uma das obras mais originais, mais ousadas, digamos mesmo, mais arbitrárias ultimamente publicadas é, sem dúvida alguma, a do Sr. Émile Mireau *Les Poèmes Homériques et l'Histoire Grecque*, em 2 volumes.

Dando um colorido inteiramente novo à controvérsia, o ilustre escritor francês estuda as epopeias homéricas do ponto de vista histórico e econômico.

No volume I o Autor procura descobrir na *Iliada* e na *Odisséia*, que hoje lemos, a obra primitiva de um velho aedo, desenvolvida mais tarde por um segundo poeta, igualmente genial. O primeiro Homero, nascido em Quios, contemporâneo da expansão colonial do século VIII a.C., tomando partido nas lutas político-religiosas da época, teria escrito dois pequenos poemas: a "Cólera de Aquiles" e a "Volta de Ulisses". Quase um século mais tarde, outro Homero — que o Sr. Mireau chama de "Homero o Jovem" — neto talvez do primeiro, fiel às amizades tradicionais do clã dos Homéridas, retoma, adapta e amplia a obra do avô venerando.

No segundo volume, consagrado aos poemas homéricos tais como os conhecemos, o distinto membro do Instituto propõe-se a pesquisar "como a Cólera de Aquiles e a Volta de Ulisses tornaram-se a *Iliada* e a *Odisséia* e a mostrar na mesma ocasião que, nascida com a história grega, a poesia homérica até sua conclusão em Atenas no VI século permaneceu estreitamente solidária com essa história" (p. 7).

Sem propriamente desprezar a crítica literária interna, reconhecendo nas duas epopeias a obra criadora de um grande gênio, o Sr. Mireau procura explicar a unidade e as possíveis interpolações dos poemas pelos acontecimentos históricos da Grécia antiga e a situá-las no tempo e no espaço. Método revolucionário, que o obriga a fazer grandes digressões e a propor hipóteses inadmissíveis. "A tese geral da obra é que a cada passo do seu desenvolvimento, a poesia homérica foi, até o fim, o veículo de um designio político" (p. 20).

No volume I o Autor nos havia mostrado a importância das rotas marítimas do estanho. No segundo tomo, estuda as rivalidades coloniais que dividiam a Grécia do século VII na luta pela posse desses mesmos roteiros, então disputados por duas coalizões: de um lado Corinto, Sicione e Calcis sustentando a causa de Mitilene; de outro, a monarquia de Giges que, pelo adultério e pelo assassinio, subira ao trono da Lídia, aliando-se a Mileto. Desse conflitos e das transposições de velhos regimes aristocráticos é que o Sr. Mireau supõe encontrar ecos na *Iliada* e na *Odisséia*.

Os dois poemas são estudados separadamente.

A análise começa pela *Odisséia*, de um traçado mais simples que a *Iliada*. Segundo o Sr. Mireau, "esse conto maravilhoso, esse romance incomparável, onde a inverossimilhança das situações e dos acontecimentos se casa sem esforço com a verdade dos sentimentos" (p. 46) seria — como a "Volta de Ulisses" — a epopeia dos roteiros marítimos e das terras do Oeste e estaria cheio de alusões, de insinuações, de subentendidos. O elogio à fidelidade conjugal, a condenação do adultério (que encontramos nos episódios relativos a Egisto-Clitemnestra e a Ares-Afroditê) ilustrariam a censura do poeta aos crimes do rei da Lídia, adversário que não é poupado em todo o poema. Ao celebrar Ítaca — que o Sr. Mireau identifica como Lêucade — Homero o Jovem defenderia a mesma causa que seu antepassado ao cantar Cócira. Visando finalidades políticas, as viagens de Ulisses e de Telêmaco seriam périplos diplomáticos. O Autor salienta as interpolações e refuta a edição de Pisistrato, que supõe propositadamente truncada para servir aos designios políticos do tirano, e se propõe a restabelecer a verdadeira *Odisséia*, afirmando o seguinte: "tôdas as inverossimilhanças cronológicas desaparecem **por encanto** (o Sr. Mireau gosta dessa expressão), se deslocarmos toda a narração das aventuras de Telêmaco, a partir do verso 102 do canto primeiro até o último verso do quarto canto, e se inserirmos esse bloco entre os versos 385 e 386 do quinto" (p. 17).

Em seguida, o brilhante escritor francês passa a examinar a *Iliada*, transformando-a "num capítulo inédito da história dos estreitos".

Cantando Ilião, Homero o Jovem concederia aos colonos de Mitilene, súditos dos Agamenônidas, estabelecidos na Trôada e nas margens do Helesponto, títulos de primazia. Na sua opinião este poema seria, como a *Odisséia*, obra

de propaganda política e se destinaria a um duplo auditório: aos Helenos das colônias eólicas da Tróada e aos seus partidários da Grécia Asiática ou continental, entre os quais figurariam os tiranos das cidades de Istmo que, como Ortágoras, protegiam os criadores de cavalos e apreciavam corridas de carros. Os inimigos visados pelo poeta não seriam os Troianos, mas sim os deuses que ele execra: Ares e Afrodite. Na inspiração complexa do poema o Autor distingue três motivos condutores: tema troiano, onde transparece certa simpatia pela cidade de Priamo e de Heitor; ironia e cólera na crítica aos inimigos do helenismo eólico na Tróada; heroísmo ao exaltar os feitos de Diomedes e sátiras para ridicularizar as assembleias deliberativas. Composta para grandes recitações, a *Iliada* compor-se-ia de três grandes blocos de igual dimensão: o primeiro, de 3.700 versos, acabaria com o primeiro dia da batalha; o segundo, de 3.600 versos, começaria no canto XI e terminaria no XVII; o último comportaria 3.700 versos (p. 269).

Depois de salientar a unidade interna da epopéia, o Sr. Mireau passa a analisar as passagens que considera como interpolações. Os cantos VIII, IX e XIX — que pregam ordem e paz interna às cidades — seriam da autoria de Arião de Metimna, poeta-músico que viveu na corte de Periandro de Corinto. A "Dolonia", de inspiração espartana, dataria do tempo de Pisistrato e teria sido escrita por Lasos de Hermione, homem sem talento, no intuito de lisonjear as simpatias do tirano. Nota ainda os conhecimentos militares do mesmo escritor em trechos dos cantos IV, XIII, XIV, XVI e XVII e conclui que "esse doutor em táticas" teria recheado a *Iliada* de mais de 2.000 versos. O "Catálogo das Naus", que supõe datar da época de Pisistrato, deixaria transparecer o ódio do soberano pelo aristocrata Megacles. Expurgada desses 4.600 versos tardios, a *Iliada* torna-se para o Sr. Mireau um poema conciso e maravilhoso. Pela análise dos poemas o ilustre membro do Instituto deduz que ambos são da autoria do mesmo aedo genial e que foram escritos para um público seletto, amante de alusões políticas, de sátiras, de ironias. Estima ainda o Autor que Homero o Jovem não foi o único a tomar parte nas contendas políticas que dividiam a Grécia antiga; que se este defendeu os interesses de Mitilene, outros, como Arctinos de Mileto, lutaram pela causa oposta. Depois de consagrar alguns capítulos ao estudo das epopéias do Ciclo Troiano e de lhes propor inédita classificação, o Sr. Mireau termina sua extensa obra por duas afirmativas desconcertantes: a cidade descoberta por Schliemann em fins do século passado não é a Ilion homérica e a guerra de Tróia não se realizou; esta é fantasia inventiva dos poetas, "perfiguração heróica das empresas dos pioneiros do VIII século, justificação mítica dessas empresas" (p. 385).

Pelo que acabamos de expor, os leitores poderão fazer uma idéia da parte hipotética que comporta o longo e erudito trabalho do Sr. Mireau, em quem reconhecemos profundo conhecedor da história e da literatura grega, escritor brilhante, cujos argumentos, porém, apesar de sedutores, achamos absurdos, paradoxais, inaceitáveis em seu conjunto.

Ao terminarmos estes modestos comentários, fazemos nossas as palavras do Sr. Fernand Robert, da Universidade de Rennes, que, em seu livro *Homère* (p. 274), dá o seguinte conselho aos filólogos:

"Tomemos o texto dos poemas homéricos tal qual é: se ele não é perfeitamente seguro, tudo que se puser em seu lugar será menos seguro ainda. Passemos uma esponja sobre tudo o que foi dito depois de Wolf, pois que Wolf partiu de idéias certamente falsas, e voltemos ao que foi a opinião da crítica na antiguidade".

HILDA PENTEADO DE BARROS.